

o Mundo Melhorou!

Citações sobre a história
das contribuições cristãs
para o progresso da civilização



Escatologia como você nunca viu...

Fim dos tempos

Últimos dias

Fim do Mundo

Preterismo

Volta de Jesus

Profecia

Arrebatamento

Escatologia em geral

Apocalipse

Você encontra no mais completo portal sobre preterismo parcial e pós-milenista...



Revista Cristã
Última Chamada



www.revistacrista.org

o Mundo Melhorou!

Citações sobre a história
das contribuições cristãs
para o progresso
da civilização

Por Christianciv

Revista Cristã _____

Última Chamada

- Março de 2018 -

o Mundo Melhorou!

*Citações sobre a história das contribuições cristãs
para o progresso da civilização*

Autor: Compilações extraídas do site da Christianciv

Site: <http://www.christianciv.com/LightHasCome.htm>
Acessado dia 24 de Março de 2018

Revista Cristã Última Chamada
- Edição de Março de 2018 –

Capa: César Francisco Raymundo

Revista Cristã Última Chamada publicada
com a devida autorização e com todos os
direitos reservados no Escritório de Direitos
Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de
Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

Março de 2018
Londrina, Paraná,

Índice

Introdução	06	
1. <i>Contribuições da Visão do Velho Testamento</i>		07
2. <i>Contribuições do período medieval</i>	12	
3. <i>Contribuições da Era Pós-Reforma</i>	28	
Conclusão	36	
Obras importantes para pesquisa...		37
Patrocine esta obra	40	

Introdução

A Luz veio!

Citações sobre a história das contribuições cristãs para o progresso da civilização.

As seguintes citações demonstram grandes áreas onde o cristianismo contribuiu significativamente para o progresso da civilização. Eu também poderia fazer uma longa lista sobre as contribuições dos cristãos individuais para o progresso da civilização cristã, como os muitos cientistas que fizeram descobertas em uma tentativa autoconsciente de perseguir a ciência para a glória de Deus, homens como Copérnico, Kepler e Pasteur. Mas, para manter a lista mais eficiente, tentei evitar isso em favor de citações sobre ideias e movimentos. Além disso, eu usei principalmente citações de não-cristãos para evitar a carga de parcialidade que seria feita contra os cristãos, embora alguns sejam cristãos nos casos em que expressaram o contributo cristão para a civilização de forma sucinta e precisa. Afinal, a verdade é verdade, não importa quem a diz.

1

Contribuições da visão do mundo do Velho Testamento

Todas as evidências apontam para que tenha havido, no primeiro pensamento religioso, uma visão do cosmos que fosse profundamente cíclica. Os pressupostos que o homem adiantado fez sobre o mundo eram, em todos os seus elementos essenciais, pouco diferentes dos pressupostos de que sociedades mais recentes e mais sofisticadas, como a Grécia e a Índia, fariam de maneira mais elaborada. Como Henri-Charles Puech diz sobre o pensamento grego em seu *Seminal Man and Time*:

“Nenhum evento é único, nada é promulgado, mas uma vez... todo evento foi promulgado, é promulgado e será promulgado perpetuamente; os mesmos indivíduos têm aparecido, aparecem, e aparecerão em cada volta do círculo”.

Os judeus foram as primeiras pessoas a sair deste círculo, a encontrar uma nova maneira de pensar e experimentar, uma nova maneira de entender e sentir o mundo, tanto que pode ser dito com alguma justiça que deles é a única nova ideia de que os seres humanos já tiveram. Mas sua visão de mundo tornou-se uma parte de nós que, neste momento, poderia ter sido escrita em nossas células como um código genético.

Thomas Cahill, *The Gifts of the Jews: How a Tribe of Desert Nomads Changed the Way Everyone Thinks and Feels*, (New York, NY: Nan A. Talese, 1998), p. 5.

Mas, mesmo com a maior preocupação, essas leis permanecem testemunhando o fato de que os judeus eram os primeiros a desenvolver uma visão integrada da vida e suas obrigações. Ao invés de imaginar as exigências da lei e as exigências da sabedoria como reinos discretos (como os sumérios, os egípcios e os gregos), eles imaginavam que toda a vida, proveniente do Autor da vida, devia ser governada por uma única perspectiva. O material e o espiritual, o intelectual e o moral eram um:

“Ouça Israel: o Senhor nosso Deus, é um!”

A grande fórmula não é que exista apenas um deus, mas o fato de que “Deus é um”. A partir desta visão, há não apenas as propensões integradoras e universalistas da filosofia ocidental, mas também a possibilidade da ciência moderna. A vida não é uma série de experiências discretas, influenciadas por diversas forças. Não vivemos em um universo fragmentado, controlado por deuses rebeldes e guerreiros... Deus e “o filho do pobre homem” pertencem juntos. Porque Deus é um, a vida é uma sequência moral - e a realidade faz sentido.

Thomas Cahill, *The Gifts of the Jews: How a Tribe of Desert Nomads Changed the Way Everyone Thinks and Feels*, (New York, NY: Nan A. Talese, 1998), pp. 156-57.

Por causa de sua crença única - monoteísmo - os judeus foram capazes de nos dar o Grande Todo, um Universo unificado que faz sentido e que, por causa de sua evidente superioridade como visão de mundo, supera completamente o fenômeno polêmico e contraditório do politeísmo. Eles nos deram a Consciência do Ocidente, a crença de que este Deus que é Um não é o Deus de demonstração externa, mas a “voz mansa e delicada” da consciência, o Deus da compaixão, o Deus

que “estará lá”, o Deus que se preocupa com cada uma de Suas criaturas, especialmente os seres humanos que Ele criou “à sua própria imagem”, e que Ele insiste que façamos o mesmo.

Mesmo a universalização gradual das ideias judaicas, insinuada na história de Rute, [para] o recolhido, a mulher, o moabita, o não-judeu, o sem classe e [aquele] ninguém capaz de amizade, foi prevista por Joel, um profeta tardio que provavelmente se levantou após o retorno da Babilônia:

“E há de ser que, depois derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões.

E também sobre os servos e sobre as servas naqueles dias derramarei o meu Espírito.

(Joel 2:28,29)

Os judeus nos deram o Exterior e o Interior - nossa visão e nossa vida interior. Dificilmente podemos levantar de manhã ou atravessar a rua sem sermos judeus. Nós sonhamos sonhos judeus e esperamos esperanças judaicas. A maioria das nossas melhores palavras, na verdade - nova, aventura, surpresa; singular, individual, pessoa, vocação; tempo, história, futuro; liberdade, progresso, espírito; fé, esperança, justiça - são dons dos judeus.

Thomas Cahill, *The Gifts of the Jews: How a Tribe of Desert Nomads Changed the Way Everyone Thinks and Feels*, (New York, NY: Nan A. Talese, 1998), pp.240-41.

Nem podemos imaginar os grandes movimentos de libertação da história moderna sem referência à Bíblia. Sem a Bíblia nunca teríamos conhecido o movimento abolicionista, o movimento de reforma das prisões, o movimento anti-guerra, o movimento trabalhista, o movimento dos direitos civis, os movimentos dos povos indígenas e despossuídos por seus direitos humanos, o movimento anti-apartheid na África do Sul, o movimento Solidariedade na Polônia, os movimentos de livre expressão e pró-democracia em países do

Extremo Oriente como a Coréia do Sul, as Filipinas e até mesmo a China. Esses movimentos dos tempos modernos têm empregado a linguagem da Bíblia; e é até impossível entender seus grandes heróis e heroínas - pessoas como Harriet Tubman, Sojourner Truth, Mother Jones, Mahatma Gandhi, Martin Luther King, César Chávez, Helder Camara, Oscar Romero, Rigoberta Menchú, Corazón Aquino, Nelson Mandela, Desmond Tutu, Caridade Kaluki Ngilu, Harry Wu - sem recorrer à Bíblia.

Além desses movimentos, que comumente tomam o Livro do Êxodo como seu projeto, há outras forças que moldaram nosso mundo, como o capitalismo, o comunismo e a democracia. O capitalismo e o comunismo são filhos bastardos da Bíblia, pois ambos são fé processual, modelados na fé bíblica e exigindo de seus adeptos que sempre mantenham em seus corações uma crença no futuro e mantenham diante de seus olhos a visão de um amanhã melhor, se o amanhã contém um produto interno bruto maior ou um paraíso dos trabalhadores. Nenhuma ideologia poderia ter surgido no Oriente cíclico, no hinduísmo, no budismo, no taoísmo ou no xintoísmo. Mas porque o capitalismo e o comunismo são fés processivas sem Deus, cada um é uma forma de loucura - fantasia sem garantia. A democracia, em contraste, cresce diretamente da visão israelita dos indivíduos, sujeitos de valor porque são imagens de Deus, cada um com um destino único e pessoal. Não há como jamais ter sido “auto-evidente que todos os homens são criados iguais” sem a intervenção dos judeus.

Thomas Cahill, *The Gifts of the Jews: How a Tribe of Desert Nomads Changed the Way Everyone Thinks and Feels*, (New York, NY: Nan A. Talese, 1998), pp. 248-49.

É a um notável grupo de homens que chamamos de Profetas [do Antigo Testamento] mais do que a qualquer outro do mundo que a civilização ocidental deve sua dupla convicção:

(1) de que o futuro de qualquer pessoa depende em grande parte da justiça de sua ordem social e;

(2) que os indivíduos são responsáveis pela condição de sua sociedade, bem como pela organização de suas vidas pessoais.

Huston Smith, *The Religions of Man* (New York, NY: Harper & Row, 1986).

Ao tentar discernir a origem dessa convicção, parece-me encontrá-la em uma noção básica descoberta há 2.000 ou 3.000 anos, e enunciada primeiramente no mundo ocidental pelos antigos hebreus: a saber, que o Universo é governado por um único Deus e não é o produto dos caprichos de muitos deuses, cada um governando sua própria província de acordo com suas próprias leis. Essa visão monoteísta parece ser o fundamento histórico da ciência moderna.

Melvin Calvin, *Chemical Evolution* (Oxford: Clarendon Press, 1969), p. 258; quoted in Nancy R. Percy and Charles B. Thaxton, *The Soul of Science: Christian Faith and Natural Philosophy* (Wheaton, IL: Crossway Books, 1994), p. 25).

2

Contribuições do período Medieval

O cristianismo introduziu outras novas ideias. Não era a religião doméstica de qualquer família, ou a religião nacional de qualquer cidade ou de qualquer raça. Não pertencia nem a uma casta nem a uma corporação. Desde sua primeira aparição chamou a si toda a raça humana. Cristo disse aos seus discípulos: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura”. Entre as nações, a religião não mais comandava o ódio; já não era obrigação do cidadão detestar o estrangeiro; sua essência, ao contrário, era ensiná-lo que, para o estranho, para o inimigo, ele devia os deveres de justiça e até mesmo de benevolência. As barreiras entre nações ou raças foram assim derrubadas; o pomoerium [literalmente “após o muro”] desapareceu. “Cristo”, diz o apóstolo, “quebrou a parede intermediária de separação entre nós”. “Mas agora são muitos membros”, ele também diz, “mas apenas um corpo”. “Não há grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, vínculo nem livre: mas Cristo é tudo e em todos”.

Numa Denis Fustel de Coulanges, *The Ancient City: A Study on the Religion, Laws, and Institutions of Greece and Rome* (Kitchener, Canada: Batoche Books 2001 [1874]) pp. 337, 338, at <http://socserv.socsci.mcmaster.ca/oldecon/ugcm/3ll3/fustel/AncientCity.pdf>.

Pois, quando o Império Romano caiu, como em toda a Europa, bárbaros sujos invadiram as cidades romanas, pilhando artefatos e

queimando livros, os irlandeses, que estavam apenas aprendendo a ler e a escrever, assumiram o grande trabalho de copiar toda literatura ocidental - tudo o que eles poderiam colocar nas mãos. Esses escribas serviam então como condutores por meio dos quais as culturas greco-romana e judaico-cristã eram transmitidas às tribos da Europa, recém assentadas em meio aos escombros e vinhedos em ruínas da civilização que haviam dominado. Sem o serviço dos escribas, tudo o que aconteceu posteriormente teria sido impensável. Sem a Missão dos Monges Irlandeses, que sozinho fundaram a civilização europeia em todo o continente nas baías e vales de seu exílio, o mundo que veio depois deles teria sido completamente diferente - um mundo sem livros. E o nosso próprio mundo nunca teria vindo a ser o que é hoje.

Thomas Cahill, *How the Irish Saved Civilization: The Untold Story of Ireland's Heroic Role from the Fall of Rome to the* , (New York, NY: Anchor Books, 1995), pp. 3-4. (The Irish monks made a significant contribution, but I am sure that there would have been some books in the world without them. - MW)

Em resposta aos problemas únicos enfrentados por uma instituição que pretende renunciar aos laços sociais tradicionais, um tipo inovador de sistema de saúde surgiu dentro do monasticismo. Dentro do monastério, os doentes recebiam cuidados de saúde garantidos de uma variedade de provedores profissionais e não profissionais, um sistema que era inexistente na antiga sociedade mediterrânea. Os doentes tinham acesso a uma variedade de tratamentos médicos correspondentes aos melhores tipos disponíveis fora do monastério: tratamento dietético, medicamentos, cirurgia, repouso e conforto; eles também tinham acesso a instituições de saúde que eram novas no sistema de saúde monástica: um corpo de enfermeiras profissionais e uma enfermaria, um proto-hospital. O sistema de saúde monástico era um componente integral do monasticismo. Além disso, o surgimento do sistema de saúde monástico não foi importante apenas para o crescimento do movimento monástico inicial, mas também transformou fundamentalmente o sistema de saúde da Antiguidade

Tardia, fornecendo o modelo para o hospital antigo tardio, que surgiu na década do ano de 370.

Andrew Crislip, *From Monastery to Hospital: Christian Monasticism & the Transformation of Health Care in Late Antiquity* (Univ. of Michigan Press, 2005), p. 8.

[O estado de matrimônio entre os romanos depois das vitórias púnicas:] Para esse pacto compacto e voluntário, os ritos civis e religiosos não eram mais essenciais, e entre pessoas de categoria semelhante, a aparente comunidade da vida era permitida como evidência suficiente de suas núpcias. A dignidade do casamento foi restaurada pelos cristãos, que derivaram toda a graça espiritual das orações dos fiéis e da bênção do sacerdote ou bispo.

Edward Gibbon, *The Decline and Fall of the Roman Empire*, Vol. II (New York, NY: The Modern Library, n.d.), p. 701.

O cristianismo revitalizou a vida nas cidades greco-romanas, fornecendo novas normas e novos tipos de relações sociais capazes de lidar com muitos problemas urbanos urgentes. Para as cidades cheias de desabrigados e empobrecidos, o cristianismo oferecia caridade e esperança. Para cidades cheias de recém-chegados e estranhos, o cristianismo oferecia uma base imediata para os apegos. Para cidades cheias de órfãos e viúvas, o cristianismo forneceu um novo e expandido senso de família. Para as cidades dilaceradas pela violência e conflitos étnicos, o cristianismo ofereceu uma nova base para a solidariedade social. E para as cidades que enfrentavam epidemias, incêndios e terremotos, o cristianismo oferecia serviços de enfermagem eficazes.

Rodney Stark, *The Rise of Christianity: A Sociologist Reconsiders History* (Princeton, N.J.: Princeton Univ. Press, 1996), p.166.

Os ímpios galileus [isto é, os cristãos] apoiam não só os pobres, mas também os nossos, todos podem ver que nosso povo não tem ajuda nossa.

Roman Emperor Julian ("Julian the Apostate"), "Letter to Arsacius"
(c. A.D. 360)

A crença cristã na bondade e integridade do Universo físico... desempenhou um papel incalculável na transformação da cosmovisão antiga. Destruiu a ideia platônica e aristotélica de que a matéria é, se não o mal, a matéria-prima da corrupção e da irrealdade e a fonte da desordem no Universo, e também governou inteiramente sobre a consideração das visões pessimistas da natureza emanadas das seitas dualísticas, como os maniqueus e os gnósticos, assim emancipando a realidade material do Universo para uma séria atenção científica.

Thomas Torrence, *Divine and Contingent Order* (Oxford: Oxford University Press, 1981), p. 67

Como observado, a ciência consiste em um esforço organizado (isto é, sustentado e sistemático) e orientado empiricamente para explicar fenômenos naturais - um processo cumulativo de construção de teoria e teste de teoria. Este empreendimento surgiu apenas uma vez. Como explicou o historiador Edward Grant, "é indiscutível que a ciência moderna surgiu no século XVII na Europa Ocidental e em nenhum outro lugar". Outros importantes historiadores e sociólogos da ciência podem datar o surgimento da ciência um pouco antes, mas todos concordam que se tratava de um desenvolvimento exclusivo da Europa.

A questão crucial é: por quê?

Minha resposta a essa pergunta é tão breve quanto inusitada: o cristianismo descreve Deus como um ser racional, responsivo, confiável e onipotente e o Universo como sua criação pessoal, tendo assim uma estrutura racional, estável, aguardando a compreensão humana.

Rodney Stark, *For the Glory of God: How Monotheism Led to the Reformations, Science, Witch-Hunts, and the End of Slavery* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2003), p. 146-47.

Não creio, no entanto, que eu tenha ainda trazido a maior contribuição do medievalismo para a formação do movimento científico. Refiro-me à crença inexpugnável de que toda ocorrência detalhada pode ser correlacionada com seus antecedentes de uma maneira perfeitamente definida, exemplificando os princípios gerais. Sem essa crença, os incríveis trabalhos dos cientistas seriam sem esperança. É essa convicção instintiva, vivamente equilibrada diante da imaginação, que é o poder motivador da pesquisa: que há um segredo que pode ser desvendado. Como esta convicção foi tão vividamente implantada na mente europeia? Quando comparamos esse tom de pensamento na Europa com a atitude de outras civilizações quando deixadas para si, parece haver apenas uma fonte para sua origem. Deve ter vindo da insistência medieval na racionalidade de Deus, concebida como a energia pessoal de Jeová e a racionalidade de um filósofo grego.

Cada detalhe foi supervisionado e ordenado: a busca na natureza só poderia resultar na justificação da fé na racionalidade. Lembre-se de que não estou falando sobre as crenças explícitas de alguns indivíduos. O que quero dizer é a impressão feita na mente europeia que surge da fé inquestionável de séculos. Com isso quero dizer o tom instintivo do pensamento e não o mero credo das palavras. Na Ásia, as concepções de Deus eram de um Ser que era ou muito arbitrário ou muito impessoal para que tais ideias tivessem muito efeito nos hábitos instintivos da mente. Qualquer ocorrência definida pode ser devida ao decreto de um déspota irracional, ou pode resultar de alguma origem impessoal inescrutável das coisas. Não havia a mesma confiança que na racionalidade inteligível de um ser pessoal.

Em primeiro lugar, não pode haver ciência viva a menos que haja uma convicção instintiva generalizada na existência de uma Ordem das Coisas. E, em particular, de uma ordem da natureza... A crença inexpugnável de que toda ocorrência detalhada pode ser correlacionada com seus antecedentes de uma maneira perfeitamente definida... deve

vir da insistência medieval na racionalidade de Deus... A minha explicação é que a fé na possibilidade da ciência, gerada antes do desenvolvimento da moderna teoria científica, é um derivado inconsciente da teologia medieval.

Alfred North Whitehead, *Science and the Modern World*

O puro ato de fé de que o Universo possuía ordem e podia ser interpretado por mentes racionais... A filosofia da ciência experimental... começou suas descobertas e fez uso de seu método na fé, não no conhecimento, que estava lidando com um Universo racional controlado por um Criador que não agia de acordo com o capricho nem interferia com as forças que Ele havia posto em operação. O método experimental teve sucesso além dos sonhos mais loucos do homem, mas a fé que o trouxe à existência deve algo à concepção cristã da natureza de Deus. É certamente um dos curiosos paradoxos da história que a ciência, que profissionalmente tem pouco a ver com fé, deve suas origens a um ato de fé de que o Universo pode ser racionalmente interpretado, e que a ciência hoje é sustentada por essa suposição.

Loren Eiseley, *Darwin's Century: Evolution and the men who discovered it* Garden.

Embora raramente o reconheçamos, a pesquisa científica exige certas crenças básicas sobre a ordem e a racionalidade da matéria e sua acessibilidade à mente humana... elas vieram até nós em sua força total através da crença judaico-cristã em um Deus onipotente, criador e sustentador de todas as coisas. Em tal visão de mundo, torna-se sensato tentar e compreender o mundo, e essa é a razão fundamental pela qual a ciência se desenvolveu como na Idade Média na Europa cristã, culminando nas brilhantes realizações do século XVII.

P. E. Hodgson, 1974. *Review of Science and Creation* (by S. L. Jaki) in *Nature*, Vol.

...a sociedade medieval primitiva era uma sociedade pioneira que vivia numa fronteira tanto geográfica quanto intelectual, e empenhada

em avançá-la. É notável que os historiadores do Ocidente não tenham conseguido, por tanto tempo, apreender essa verdade absolutamente vital sobre as origens de sua própria tradição.

William Carroll Bark, *Origins of the Medieval World* (Stanford: Stanford University Press, 1958) pp.27-28; quoted in James Nickel, *Mathematics: Is God Silent?* (Vallecito, CA: Ross House, 2001), p. 72.

Hoje reconhecemos que uma das grandes revoluções tecnológicas ocorreu durante o milênio medieval, com o desaparecimento da escravidão em massa, a mudança para a energia eólica, a introdução do sistema de campo aberto da agricultura, e a importação, adaptação, ou a invenção de um conjunto de dispositivos, do carrinho de mão à escrituração de dupla entrada, culminados pelos dois avatares da civilização ocidental moderna, armas de fogo e impressão.

Frances and Joseph Gies, *Cathedral, Forge, and Waterwheel: Technology and Invention in the Middle Ages* (New York: Harper Collins, 1994), p. 15; quoted in Nickel, p. 74.

A reputação da Idade Média nunca se recuperou do ataque lançado pela Renascença nos séculos que precederam o humanismo. Sendo apaixonadamente interessados na literatura e poesia da civilização clássica, as pessoas no Renascimento estavam convencidas de que seus antepassados na Idade Média - mais tarde chamados de Idade das Trevas - eram completamente ignorantes ou indiferentes aos antigos autores gregos e romanos, enquanto que na realidade, de fato, os homens medievais estavam apaixonadamente interessados - não tanto na literatura e na poesia do mundo clássico, quanto em suas obras filosóficas, científicas e tecnológicas.

Jean Gimpel, *The Medieval Machine: The Industrial Revolution of the Middle Ages* (New York: Penguin Books, 1976), p. 237; quoted in Nickel, p.73.

De fato, a habilidade técnica dos tempos clássicos não foi simplesmente mantida: ela foi consideravelmente melhorada. Nossa

visão da história tem sido excessivamente grande... Em tecnologia, pelo menos, a Idade das Trevas marca um avanço constante e ininterrupto sobre o Império Romano.

Lynn T. White, "Technology and Invention in the Middle Ages," *Speculum*, 15 (1940), p. 151; quoted in Nickel, p. 73.

Mesmo assim, desde o Renascimento, o homem ocidental, tanto o historiador quanto o filósofo, o artista e o cientista, tem sido tudo menos intragável. Cegados pelo nosso preconceito em favor da “civilização” clássica em contraste com a “barbárie” medieval, nós interpretamos erroneamente o caráter criativo do que estava ocorrendo no final do período romano e início da Idade Média. Nós confundimos o ajuste com a decadência e, ao falhar em reconhecer o que pode ser chamado de mudança de ritmo e direção, rotulamos isso como exclusivamente um final... O que pode parecer hoje ter sido simplesmente retrocesso e nada mais, pode, de outro ponto de vista, ser considerado como um corte fatal na madeira.

William Carroll Bark, *Origins of the Medieval World* (Stanford: Stanford University Press, 1958), pp. 27-28; quoted in Nickel, p. 72.

Pode-se dizer sem exagero que o mundo ocidental viveu até o advento da máquina a vapor em inovações tecnológicas feitas durante os séculos medievais.

Stanley L. Jaki, *Christ and Science* (Royal Oak, MI: Real View Books, 2000), p.22; quoted in Nickel, p.76.

Armada com tecnologia inovadora, tanto emprestada quanto caseira, a civilização europeia que Edward Gibbon acreditava ter sido levada a um longo impasse pelo “triumfo da barbárie e da religião” na verdade deu um imenso passo à frente. Os romanos, tão simpáticos a Gibbon, teriam ficado maravilhados com o que o milênio depois de sua época havia feito. Mais perspicaz do que Gibbon era o cientista inglês Joseph Glanville, que escreveu em 1661: “As últimas eras nos mostraram o que a Antiguidade nunca viu; não, não em um sonho”.

Frances and Joseph Gies, *Cathedral, Forge, and Waterwheel: Technology and Invention in the Middle Ages* (New York: Harper Collins, 1994), p. 16; quoted in Nickel, p. 76.

Os engenheiros do mundo clássico - homens como Heron de Alexandria - conheciam o uso que poderia ser feito da fabricação assistida, mas aplicavam-no apenas para animar brinquedos ou instrumentos. Embora os chineses operassem martelos para descascar o arroz já em 290 d.C., o uso da fabricação assistida evidentemente não se espalhou para outras indústrias nos séculos seguintes. De fato, é uma característica da tecnologia chinesa que suas grandes invenções - impressão, pólvora, bússola - nunca tenham desempenhado um papel importante na evolução da história chinesa. A introdução da fabricação assistida na indústria medieval, por outro lado, foi uma importante contribuição para a industrialização do hemisfério ocidental.

Jean Gimpel, *The Medieval Machine: The Industrial Revolution of the Middle Ages* (New York: Penguin Books, 1976), p. 13-14; quoted in Nickel, p. 76.

É característico da cristandade medieval que colocou em uso industrial dispositivos técnicos que na sociedade clássica eram conhecidos, mas deixados quase sem uso ou simplesmente considerados como brinquedos.

Alistair Crombie, *The History of Science from Augustine to Galileo* (New York: Dover Publications, [1959, 1970, 1979] 1995)

Os dispositivos mecânicos e instrumentos inventados nos tempos clássicos, bombas, prensas e catapultas, rodas motrizes, engrenagens e martelos de desengate, e as cinco “correntes” cinemáticas (parafuso, roda, câmara, catraca e roldana) foram aplicadas no final da Idade Média em uma escala desconhecida nas sociedades anteriores.

Alistair Crombie, *The History of Science from Augustine to Galileo* (New York: Dover Publications, [1959, 1970, 1979] 1995), 1:203; quoted in Nickel, p. 76.

A Igreja Cristã, cujas ordens monásticas pioneiras fizeram muitas contribuições práticas e materiais para a tecnologia medieval, também forneceu uma visão não-cíclica e linear da história que permitia o alcance da ideia de progresso.

Frances and Joseph Gies, *Cathedral, Forge, and Waterwheel: Technology and Invention in the Middle Ages* (New York: Harper Collins, 1994), p. 288; quoted in Nickel, p. 77.

É claro que através do monasticismo, o Cristianismo fez algo para dar dignidade ao trabalho e acrescentou muito à agricultura e, assim, ao aumento da oferta de alimentos. Sob a regra beneditina, o trabalho era obrigatório. Embora em muitas das casas beneditinas a comida e a roupa provinham de fazendas cultivadas por servos e enquanto em várias ordens monásticas o trabalho manual nos campos fosse destinado a irmãos leigos e os monges coros se dedicavam a orar e a estudar, em outros todos os monges, mesmo aqueles de nascimento aristocrático, trabalhavam em seus jardins ou nas terras do mosteiro. Seja por todos os membros da comunidade ou somente pelos irmãos leigos, os mosteiros fizeram muito para limpar a terra, cultivá-la e desenvolver cultivos e métodos melhorados de cultivo. O primeiro uso de solo cimentado para enriquecer o solo é atribuído a eles e eles foram notados por seus vinhedos e seus vinhos.

Kenneth Scott Latourette, *A History of Christianity* (New York: Harper & Row, [1953] 1975), 1:556-557; quoted in Nickel, p. 77.

O tanto que foi preservado apesar do colapso gradual da organização política romana e da estrutura social sob o impacto, primeiro, dos godos, vândalos e francos, e depois, no século IX, dos nórdicos, foi devido ao aparecimento de mosteiros com suas escolas de atendimento que começaram na Europa Oriental após a fundação de Monte Cassion por São Bento em 529 (aqui São Bento também havia estabelecido uma enfermaria. O cuidado dos doentes era considerado como um dever cristão para todas essas fundações). A existência de tais centros tornou possível o reavivamento temporário da aprendizagem na Irlanda nos

séculos VI e VII, na Nortúmbria no tempo de Bede e no império de Carlos Magno no século IX.

Alistair Crombie, *The History of Science from Augustine to Galileo* (New York: Dover Publications, [1959, 1970, 1979] 1995), 1:32; quoted in Nickel, p. 78.

Acredito que a vantagem do ocidental não estava em sua ciência e tecnologia, mas em sua utilização de hábitos de pensamento que, com o tempo, permitiriam avançar rapidamente na ciência e na tecnologia e, enquanto isso, davam-lhes importância administrativa, comercial, habilidades de navegação, industriais e militares. A vantagem europeia inicial estava naquilo que os historiadores franceses chamavam *mentalité*... Essas pessoas pensavam na realidade em termos quantitativos com maior consistência do que qualquer outro membro de sua espécie.

Alfred W. Crosby, *The Measure of Reality: Quantification and Western Society, 1250-1600* (Cambridge: Cambridge University Press, 1997), pp. x-xi; quoted in Nickel, p. 81.

O registro indica que os ciclos de avanço e recuo, neste caso de combinar matemática abstrata e medição prática, e depois de assentir, cochilar e esquecer, são a norma da história humana. A realização intelectual distintiva do Ocidente era unir matemática e medição e mantê-las na tarefa de dar sentido a uma realidade sensorialmente perceptível, que os ocidentais, em um salto de fé, assumiram ser temporal e espacialmente uniforme e, portanto, suscetível a tal exame.

Alfred W. Crosby, *The Measure of Reality: Quantification and Western Society, 1250-1600* (Cambridge: Cambridge University Press, 1997), p. 17; quoted in Nickel, p. 82.

Foi dentro de uma estrutura geral de filosofia intimamente ligada à teologia, e especificamente dentro do sistema de estudos universitários dirigidos por clérigos, que o desenvolvimento central da ciência medieval ocorreu.

Alistair Crombie, *The History of Science from Augustine to Galileo* (New York: Dover Publications, [1959, 1970, 1979] 1995), 2:126; quoted in Nickel, pp. 85-86.

Nas universidades foram lançados os alicerces da cultura científica do nosso mundo moderno, nos quais cresceu o hábito do pensamento disciplinado, seguido pela investigação sistemática, que possibilitou o surgimento da ciência natural e da civilização técnica necessária às grandes sociedades industriais.

Freidrick Heer, *The Medieval World*, trans. Janet Sondheimer (New York: New American Library, 1961) p. 235; quoted in Nickel, p. 86.

Esta adaptação [a imagem mecanicista do mundo]... levou a uma concepção positiva e empirista da ciência... Ela formou a base desse empirismo racional que se tornou o método legítimo da ciência moderna. O cientista de hoje, ao usar imagens ou modelos mecânicos ou outros, os considera como meios de descrição racional e não como explicações da essência do mundo. O mundo físico é uma tradução do mundo dos fenômenos em símbolos mais sujeitos à manipulação matemática e cujas consequências podem ser facilmente traduzidas de volta para fenômenos externos... A maioria dos cientistas dos séculos XIX e XX, ao adotar essa visão, pode ter sido inconsciente do fato de que os fundamentos metafísicos de sua disciplina se originaram, apesar de toda secularização, em grande parte do conceito bíblico de Deus e criação.

Reijer Hooykaas, *Religion and the Rise of Modern Science* (Grand Rapids, Eerdmans, 1972), pp. 25-26; quoted in Nickel, p. 93.

A inércia, o momento, a conservação da matéria e do movimento, a indestrutibilidade do trabalho e da energia - concepções que dominam

completamente a física moderna - surgiram sob a influência de ideias teológicas.

Stanley L. Jaki, *The Road of Science and the Ways to God* (Edinburgh: Scottish Academic Press, 1978), p. 157; quoted in Nickel, p. 94.

A combinação de considerações teológicas, filosóficas, matemáticas e científicas que até agora tem sido evidente no pensamento escolástico é vista como uma vantagem ainda melhor em um estudo sobre o que talvez tenha sido a contribuição mais significativa do século XIV para o desenvolvimento da física matemática... fez-se um avanço teórico destinado a ser extraordinariamente frutífero tanto na ciência quanto na matemática e levar, no final, ao conceito da derivada.

Carl Boyer, *The History of the Calculus and its Conceptual Development* (New York: Dover Publications, [1949] 1959), p. 65; quoted in Nickel, p. 94.

Vivendo dentro do conceito de que o mundo foi criado por um Deus racional, os cientistas podiam se mover com confiança, esperando descobrir o mundo pela observação e experimentação. Essa era sua base epistemológica - a base filosófica com a qual eles tinham certeza de que poderiam saber... Desde que o mundo foi criado por um Deus razoável, eles não ficaram surpresos ao encontrar uma correlação entre eles mesmos como observadores e a coisa observada... Sem essa fundação, a ciência moderna ocidental não teria nascido.

Francis Schaeffer, *How Should We Then Live? The Rise and Decline of Western Thought and Culture* (Old Tappan: Revell, 1976) p. 134; quoted in Nickel, p. 106.

A possibilidade de uma matemática aplicada é uma expressão, em termos da ciência natural, da crença cristã de que a natureza é a criação de um Deus onipotente.

Robin G. Collingwood, *An Essay on Metaphysics* (London: Oxford University Press, 1940), p. 25; quoted in Nickel, p. 106.

...a história da ciência, com seus vários nascidos mortos e apenas um nascimento viável, mostra claramente que a única cosmologia, ou visão do cosmos como um todo, capaz de gerar ciência, era uma visão da qual o principal disseminador era o próprio Evangelho.

Stanley Jaki, *The Origin of Science and the Science of its Origin* (Edinburgh: Scottish Academic Press, 1978), p. 99; quoted in Nickel, p. 143.

Devemos também observar que, em uma daquelas estranhas permutações de que a história produz raros exemplos ocasionais, é o mundo cristão que finalmente deu à luz de uma maneira clara e articulada ao método experimental da própria ciência.

Loren Eiseley, *Darwin's Century* (Garden City: Doubleday and Company, 1958), p. 62, quoted in Nickel, p. 143. Eiseley (1907-1977) was an evolutionary anthropologist.

Todas as grandes culturas que testemunharam um natimorto da ciência dentro de seu ambiente têm uma característica importante em comum. Todas elas foram dominadas por um conceito panteísta do Universo passando por ciclos eternos. Em contraste, o único nascimento viável da ciência ocorreu em uma cultura para a qual o mundo era uma entidade contingente e criada.

Stanley Jaki, *Science and Creation: From Eternal Cycles to an Oscillating Universe* (Edinburgh: Scottish Academic Press, 1974), p. 357; quoted in Nickel, p. 143.

Além disso, não foi a “sabedoria do Oriente” que deu origem à ciência, nem a meditação Zen tornou o coração das pessoas contra a escravidão. Do mesmo modo, a ciência não era obra de secularistas ocidentais ou mesmo deístas; foi inteiramente o trabalho de crentes devotos em um Deus ativo, consciente e criador. E foi a fé na bondade desse mesmo Deus e na missão de Jesus que levou outros cristãos devotos a acabarem com a escravidão, primeiro na Europa medieval e depois novamente no Novo Mundo. Desse modo, pelo menos, a civilização ocidental foi realmente dada por Deus.

Rodney Stark, *For the Glory of God: How Monotheism Led to the Reformations, Science, Witch-Hunts, and the End of Slavery* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2003), p. 376

A universidade foi uma invenção cristã que evoluiu de escolas de catedrais estabelecidas para treinar monges e sacerdotes... Há um equívoco generalizado de que esses lugares eram “universidades” apenas no nome, tendo nada mais que três ou quatro professores e algumas dezenas de alunos. Não foi tão assim. No início do século XIII, Paris, Bolonha, Oxford e Toulouse provavelmente matricularam de 1.000 a 1.500 alunos cada - aproximadamente 500 novos alunos matriculados na Universidade de Paris todos os anos. Estima-se que, durante os primeiros 150 anos de existência, as universidades europeias matricularam aproximadamente 750.000 estudantes - numa época em que a população de Londres nunca chegava a mais de 35.000.

A universidade era algo novo sob o sol - uma instituição dedicada exclusivamente ao “ensino superior”. Não era um mosteiro ou lugar para meditação. Em vez disso, como disse Marcia L. Colish, “os escolásticos que criaram esse ambiente educacional inebriante rapidamente superaram os eruditos monásticos como pensadores especulativos”. A palavra chave aqui é “especulativa”. As universidades medievais eram diferentes das academias chinesas para treinar mandarins ou uma escola de mestres zen. Eles não estavam preocupados principalmente em transmitir sabedoria recebida. Em vez disso, assim como acontece hoje, os professores ganharam fama e convites para ingressar em faculdades em outros lugares por meio da inovação.

Rodney Stark, *For the Glory of God: How Monotheism Led to the Reformations, Science, Witch-Hunts, and the End of Slavery* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2003), p. 62-63

[Falando da escola escolástica de Salamanca do século XVI na Espanha:] É dentro de seus sistemas de teologia moral e lei que a economia ganhou uma existência definida, se não separada, e são eles

que se aproximam mais do que qualquer outro grupo dos ‘fundadores’ da economia científica.

Joseph Schumpeter, *History of Economic Analysis*, ed. Elizabeth B. Schumpeter (New York: Oxford University Press, 1954), 97.

3

Contribuições da Era Pós-Reforma

Este é o próprio motivo que se repete em constante medida nos próprios escritos que muitas vezes continham consideráveis contribuições científicas: essas atividades mundanas e realizações científicas manifestam a Glória de Deus e aumentam o Bem do Homem. A justaposição do espiritual e do material é característica e significativa. Essa cultura repousava com segurança em um substrato de normas utilitárias que identificavam o útil e o verdadeiro. O próprio puritanismo imputou uma utilidade tripla à ciência. A filosofia natural foi instrumental em primeiro lugar, no estabelecimento de provas práticas do estado de graça do cientista, em segundo lugar no aumento do controle da natureza; e terceiro, glorificando a Deus. A ciência foi alistada a serviço do indivíduo, da sociedade e da divindade. Que estes eram motivos adequados não poderiam ser negados. Eles não incluíam apenas uma reivindicação de legitimidade, mas sim incentivos que não podem ser facilmente superestimados. Basta examinar a correspondência pessoal dos cientistas do século XVII para perceber isso.

Robert K. Merton, *The Sociology of Science* (Chicago: U. of Chicago Press 1973), p. 232.

Os homens da Filadélfia ecoaram a história das décadas de 1640 e 1650, quando escreveram a Constituição com suas limitações sobre o poder do Congresso, da Presidência e dos Tribunais.

Quando eles disseram na Constituição que esta nação não teria estabelecido a Igreja, eles refletiram a experiência de seus antepassados com elogio a seus sucessores.

Quando falavam de portas abertas para todos, abriram carreiras para todos, falavam no sotaque de Cromwell e dos calvinistas; os Independentes e os Congregacionalistas e os Puritanos e os Presbiterianos e os Levellers e aqueles que lutaram sob estas bandeiras.

Tudo isso e muito mais veio da grande revolução cristã; todas as liberdades que os homens sabem vêm do cristianismo, de suas lições sobre o indivíduo e o Estado; Deus e Sua aliança. A revolução cristã que Cromwell veio liderar foi a única dos tempos modernos que teve por inspiração não os atrativos do poder, mas o propósito transcendental da vida, que é cumprir a vontade de Deus, trazendo justiça, verdade, fé e alegria ao mundo.

Otto Scott, "The Great Christian Revolution" in *The Great Christian Revolution: The Myths of Paganism and Arminianism* by Otto Scott, et al. (Vallecito, CA: Ross House Books, 1991), p. 309.

Em 1688, a Inglaterra contraiu na Holanda a maior dívida que uma nação pode ter com outra. Não sabendo como recuperar suas liberdades, elas foram restauradas por homens das Províncias Unidas; e Locke trouxe de volta de seu exílio naquele país a teoria sobre o governo que havia sido formada pelos calvinistas do continente, e que tornou seu principal trabalho político o livro de texto dos amigos das instituições livres por um século.

George Bancroft, *History of the United States*, Vol. 5, p. 229.

O [calvinismo] foi o sistema que, durante um século e meio, assumiu a tutela da liberdade para o mundo inglês. "Um tirano mau é melhor que uma guerra perversa", disse Lutero, pregando a não-resistência; e Cranmer repetiu: "O povo de Deus é chamado a prestar obediência aos governadores, embora sejam maus, e em nenhum caso resistam". O calvinismo inglês reservou o direito de resistir à tirania. Para promover a liberdade intelectual, o Calvinismo negou, absolutamente negou, o sacramento da ordenação, quebrando assim o grande

monopólio das artes sacerdotais e não conhecendo nenhum mestre, mediador ou professor, mas a Razão Eterna. “Acenda o fogo diante do meu rosto”, disse Jerome, humildemente, enquanto se resignava ao seu destino; para apagar o fogo da perseguição para sempre, o Calvinismo resistiu com fogo e sangue, e, segurando o mosquete, provou, como soldado de infantaria, que, no campo de batalha, a invenção da pólvora havia nivelado o plebeu e o cavaleiro. Para conter a monarquia absoluta na França, na Escócia, na Inglaterra, ele se aliou ao partido do passado, a decadente aristocracia feudal, que certamente sobreviveria; para proteção contra a aristocracia feudal, infundiu-se na classe mercantil e na nobreza inferior; para assegurar uma vida na mente do público, em Genebra, na Escócia, onde quer que ganhasse domínio, invocava a inteligência para o povo e em todas as paróquias plantava a escola comum.

George Bancroft, *History of the United States*, Vol. 1, pp. 608-10

A forma relativamente democrática de governo da igreja na Escócia presbiteriana passou para as igrejas presbiterianas na América, e atualmente começou a influenciar o padrão da política colonial. A ideia de um Pacto, como declaração e estrutura de um propósito nacional comum, faria parte do pano de fundo da Declaração de Independência dos EUA e da Constituição Federal.

Russell Kirk, *The Roots of American Order*, p.256. See an extended quote from Kirk here.

A crença na certeza da ciência foi sem dúvida apoiada pela crença em um Universo ordenado por Deus. Vemos isso na crença de Descartes de que Deus não seria enganador, em relação ao conhecimento empírico, e a crença de Newton, por exemplo, e de fato todo o viés Deísta do pensamento iluminista, em um Universo ordenado e projetado por Deus capaz de ser entendido pela razão do homem. Foi para o conhecimento de uma ordem de coisas reais dada por Deus e, portanto, real, que a razão do homem era vencer. A ordem das coisas pode ser conhecida com certeza, e a razão leva à certeza e, portanto, é literalmente verdadeira. Essa convicção é apenas levemente erodida

pelo advento do hipotetismo e, em alguns casos, uma consciência da natureza analógica ou metafórica da nova filosofia.

W.H. Leatherdale, *The Role of Analogy, Model and Metaphor in Science* (North-Holland, Amsterdam 1974), p. 231f. Quoted in Paul Gosselin, "The Judeo-Christian Cosmology and the Origins of Science," *Christianity & Society*, Vol. XVII., No. 2, October 2007, p. 25.

Meus colegas e eu nos engajamos em uma investigação bastante minuciosa dos conceitos das leis da Natureza na Ásia Oriental e na cultura ocidental. Na civilização ocidental, as ideias da lei natural no sentido jurídico e das leis da Natureza, no sentido das ciências naturais, podem ser facilmente mostradas para retornar a uma raiz comum. Sem dúvida uma das noções mais antigas da civilização ocidental era que, assim como os legisladores da terra imperial promulgavam códigos de lei positiva a serem obedecidos pelos homens, assim também a divindade Criadora celeste e suprema racional estabeleceu uma série de leis que devem ser obedecidas por minerais, cristais, plantas, animais e as estrelas em seus cursos. Não há dúvida de que essa ideia estava intimamente ligada ao desenvolvimento da ciência moderna no Renascimento no Ocidente. Se estivesse ausente em outro lugar, não poderia ter sido uma das razões pelas quais a ciência moderna surgiu apenas na Europa; em outras palavras, as leis da natureza concebidas medievalmente eram necessárias em sua forma ingênua para o nascimento da ciência?

Mas, em qualquer caso, três coisas são claras: (a) que o mais elevado ser espiritual conhecido e adorado na China antiga não era um Criador no sentido dos hebreus e dos gregos; (b) que a ideia do deus supremo como pessoa no antigo pensamento chinês, por mais distante que tenha sido, não incluía a concepção de um divino legislador celestial impondo ordenanças sobre a natureza não humana; (c) que o conceito do ser supremo, muito cedo, tornou-se impessoal. Não era que não houvesse ordem na natureza para os chineses, mas que não fosse uma ordem ordenada por um Ser Pessoal racional e, portanto, não havia garantia de que outros seres pessoais racionais pudessem soletrar em

sua própria vida terrena as línguas do código divino de leis pré-existente que havia sido previamente formulado. Não havia confiança de que o código das leis da natureza pudesse ser desvelado e lido, porque não havia garantia de que um Ser Divino, ainda mais racional do que nós, já tivesse formulado um código capaz de ser lido. Sente-se, de fato, que os taoístas, por exemplo, teriam desdenhado tal ideia como sendo demasiadamente ingênuos para serem adequados à sutileza e complexidade do Universo enquanto o intuía.

Joseph Needham, *The Grande Titration* (University of Toronto Press, 1969). p. 35f. Quoted in Paul Gosselin, "The Judeo-Christian Cosmology and the Origins of Science," *Christianity & Society*, Vol. XVII., No. 2, October 2007, pp. 25-26. Gosselin points out that Needham is a Marxist.

Quaisquer que sejam as imperfeições que possam ser justamente atribuídas a eles [isto é, aos puritanos], que, no entanto, são tão poucos quanto os mortais descobriam, seu julgamento ao estruturar sua política foi fundado em princípios sábios, humanos e benevolentes. Foi fundada em revelação e também em razão. Era consistente com os princípios dos melhores e maiores e mais sábios legisladores da antiguidade. A tirania em todas as formas, formas e aparências era seu desdém e aversão; nenhum medo de punição, nem mesmo da própria morte em requintadas torturas, havia sido suficiente para conquistar aquele espírito firme, masculino e pertinente com o qual se opuseram aos tiranos daqueles tempos na igreja e no Estado... [Eles] viram claramente que os poderes populares devem ser colocados como guarda, controle, equilíbrio, com os poderes do monarca e do sacerdote, em todo governo, ou então logo se tornaria como o homem do pecado, a prostituta da Babilônia, o mistério da iniquidade, um grande e detestável sistema de fraude, violência e usurpação. Sua maior preocupação parece ter sido estabelecer um governo da igreja mais consistente com as Escrituras, e um governo do estado mais agradável à dignidade da natureza humana, do que qualquer outro visto na Europa, e transmitir tal governo para baixo a sua posteridade, com os meios de assegurá-lo e preservá-lo para sempre. Para tornar o poder

popular em seu novo governo tão grande e sábio quanto seus princípios de teoria, isto é, como a natureza humana e a religião cristã exigem que ele seja, eles se esforçaram para remover dele muitas das desigualdades e dependências feudais que podiam ser poupado, consistentemente com a preservação de uma monarquia moderada e limitada. E nisso eles descobriram a profundidade de sua sabedoria e o calor de sua amizade para com os homens.

John Adams, *A Dissertation on the Canon and Feudal Law* (1765)

Não deixe que Genebra seja esquecida ou desprezada. A liberdade religiosa deve muito respeito, apesar de Servetus.

John Adams, "Discourses on Divilia, XIX" in *The Works of John Adams, Second President of the United States, with a Life of the Author, Notes, and Illustrations* (Boston: Little, Brown & Co., 1850-1856) 6: 313n.

Apontar em detalhes, mesmo com algum grau de completude, os traços que o Calvinismo deixou em toda parte social e política, na vida científica e estética, por si só exigiria um estudo mais amplo do que eu poderia pensar na rapidez de uma palestra. Permita-me, portanto, dirigir-me a uma audiência americana, para destacar uma única característica em sua própria vida política. Já observei em minha terceira palestra como no preâmbulo de mais de uma de suas Constituições, embora tendo uma visão decididamente democrática, não obstante o ponto de vista ateu da Revolução Francesa, mas a confissão calvinista da suprema soberania de Deus, tem sido a fundação, às vezes até em termos, como indiquei, correspondendo literalmente às palavras de Calvino. Não é um vestígio dele que encontramos entre vocês o anti-clericalismo cínico que se identificou com a própria essência da democracia revolucionária na França e em outros lugares. E quando o seu Presidente proclama um dia nacional de agradecimento, ou quando as casas do congresso em Washington são abertas com orações, é sempre uma nova evidência de que através da democracia americana existe ainda uma veia que, tendo surgido dos Padres Peregrinos, ainda exerce seu poder nos dias atuais. Mesmo o

seu sistema escolar comum, na medida em que é abençoado com a leitura da Escritura e a oração de abertura, aponta, embora com nitidez decrescente, para gostar de origem calvinista. Da mesma forma, na ascensão de sua educação universitária, surgindo em grande parte da iniciativa individual; no caráter descentralizado e autônomo de seus governos locais; em sua rigorosa observância do sábado, mas não nomista; na estima em que a mulher é mantida entre vocês, sem cair na deificação parisiense de seu sexo; em seu sentido para a domesticidade; na proximidade de seus laços familiares; em seu campeonato de liberdade de expressão e em sua ilimitada consideração pela liberdade de consciência; em tudo isso, sua democracia cristã está em oposição direta à democracia da Revolução Francesa; e historicamente também é demonstrável que vocês devem isso ao Calvinismo e ao Calvinismo somente.

Abraham Kuyper, *Lectures on Calvinism: The Stone Lectures of 1898* (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1943), pp.192-93.

Basta que tenha mostrado que o Calvinismo protesta contra a onipotência do Estado; contra a horrível concepção de que nenhum direito existe acima e além das leis existentes; e contra o orgulho do absolutismo, que não reconhece direitos constitucionais, exceto como resultado de favor principesco. Essas três representações, que consideram um alimento tão perigoso na ascendência do panteísmo, são a morte de nossas liberdades civis. E o calvinismo deve ser elogiado por ter construído uma represa em toda essa corrente absolutista, não apelando para a força popular, nem para a alucinação da grandeza humana, mas deduzindo esses direitos e liberdades da vida social da mesma fonte da qual a alta autoridade do governo flui - mesmo a soberania absoluta de Deus. A partir desta fonte, em Deus, a soberania na esfera individual, na família e em todo círculo social, é tão diretamente derivada quanto a supremacia da autoridade do Estado. Esses dois devem, portanto, chegar a um entendimento, e ambos têm a mesma obrigação sagrada de manter sua autoridade soberana dada por Deus e torná-la subserviente à majestade de Deus.

Abraham Kuyper, *Lectures on Calvinism: The Stone Lectures of 1898* (1953), p.85.

Análises históricas comparativas mostram que os PC [protestantes convertidos] iniciaram consistentemente e espalharam fatores que pesquisas anteriores sugerem promover a democracia: impressão em massa, educação em massa, sociedade civil e estado de direito colonial. Na análise estatística transnacional, as missões protestantes são significativamente e robustamente associadas a níveis mais altos de impressão, educação, desenvolvimento econômico, sociedade civil organizacional, proteção da propriedade privada e estado de direito e com níveis mais baixos de corrupção... Além disso, onde quer que tenham sido testados, esses padrões se repetem no nível subnacional... Finalmente, a análise estatística sugere que as missões protestantes estão fortemente associadas à democracia. De fato, as missões parecem explicar metade da variação da democracia fora da Europa e sobrevivem a dezenas de controles e verificações de robustez.

Robert D. Woodberry, "The Missionary Roots of Liberal Democracy," *American Political Science Review*, Vol. 106, No. 2 May 2012, pp. 267-68, at https://www.academia.edu/2128659/The_Missionary_Roots_of_Liberal_Democracy.

Conclusão

A Civilização Cristã é a Única Civilização em um Sentido, é claro. O manifesto da civilização cristã, defendendo a verdade do Cristianismo como uma cosmovisão abrangente, e a existência de um Deus absolutamente racional é a pré-condição necessária para a racionalidade humana e, portanto, é necessária para a possibilidade de civilização.

Obras importantes para pesquisa

A Segunda Vinda de Cristo: Sem Ficção, Sem Fantasia!

Compilação de César Francisco Raymundo, 172 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista007.htm

A Ressurreição de Jesus Cristo

– é Ficção ou Fato Histórico Irrefutável? –

César Francisco Raymundo, 35 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista011.htm

A Escatologia pode ser Verde?

Rev. Dr. Ernest C. Lucas, 29 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista013.htm

A Grande Tribulação

David Chilton, 148 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_A%20Grande%20Tribulacao_David_Chilton.htm

A Verdade sobre o Preterismo Parcial

César Francisco Raymundo, 77 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista015.htm

A Ilusão Pré-Milenista

- O Quiliasmo analisado à luz das Escrituras -

Brian Schwertley, 76 páginas.

Link:

Comentário Preterista sobre o Apocalipse

– Volume Único –

César Francisco Raymundo, 533 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Comentario_Preterista_sobre_o_Apocalipse_Volome_Unico.html

Cristo Desceu ao Inferno?

Heber Carlos de Campos, 46 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista016.htm

Crítica do Preterismo Completo

Philip G. Kaiser, 27 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Critica%20do%20Preterismo%20Completo.htm

Dicionário Michaelis

<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>

Heresias do Preterismo Completo

César Francisco Raymundo, 56 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista014.htm

Dispensacionalismo**Desmascarando o Dogma Dispensacionalista**

Hank Hanegraaff, 49 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista020.htm

Uma Refutação Bíblica ao Dispensacionalismo

Arthur W. Pink, 42 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Dispensacionalismo_Arthur_Pink.htm

Dispensacionalismo (Lista de Passagens da Escritura)

Nathan Pitchford, 29 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Dispensacionalismo_Lista%20de%20Passagem.htm

JESUS – A Chave Hermenêutica das Escrituras

Eric Brito Cunha, 46 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Jesus_a_Chave_Hermeneutica.htm

Léxico do Grego do Novo Testamento

Edward Robinson, 1014 páginas.

Tradução: Paulo Sérgio Gomes.

Edição em língua portuguesa © 2012

por Casa Publicadora das Assembleias de Deus.

Todos os direitos reservados.

Mateus 24 e a Vinda de Cristo

César Francisco Raymundo, 110 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista023.html

Mateus 25 e o grande Julgamento

César Francisco Raymundo, 30 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista024.html

O Padrão Éden

Jair de Almeida, 31 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista022.html

O Universo em Colapso na Bíblia

– eventos literais ou metáfora poderosa?

Brian Godawa, 29 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista017.htm

Pós-Milenarismo PARA LEIGOS

Kenneth L. Gentry Jr., 92 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_pos_milenarismo_para_leigos.htm

Predições de Cristo

Hermes C. Fernandes

Link: www.revistacrista.org/Revista_Dezembro_de_2011.htm

Refutando o Preterismo Completo

César Francisco Raymundo, 112 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista010.htm

Sem Arrebatamento Secreto

– Um guia otimista para o fim do mundo –

Jonathan Welton, 223 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Sem%20Arrebatamento%20Secreto.htm

70 Semanas de Daniel

Kenneth L. Gentry, Jr., 35 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista012.htm

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufria gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

Para acessar todos os artigos e escolher o tema de sua preferência, basta acessar:

www.revistacrista.org/artigos.htm

Nossos e-book's com temas específicos podem ser encontrados neste link:

www.revistacrista.org/literatura.htm

As revistas, por ordem mensal e ano, podem ser acessadas aqui:

www.revistacrista.org/edicoes.htm

Temos também excelentes vídeos explicativos sobre escatologia, divididos em diversos temas:

www.revistacrista.org/videos.htm

Caso ainda haja dúvidas, estamos disponíveis todos os dias para servi-lo no endereço:

www.revistacrista.org/contato.htm

E-mails:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org